

Reunião do CEG. Buenos Aires, 31 de maio de 2024

Colóquio Internacional de Convergência:

Amor, ódio e ignorância.

Incitar paixões não é novidade na política. A modernidade não explica o movimento civilizatório rumo ao progresso sem a invocação das paixões (o amor ao progresso, por exemplo, tem mais de um capítulo épico na sua narrativa de fundação e destino). Contudo, a sujeição das paixões à lei determina o progresso individual e coletivo, segundo as instituições republicanas e liberais, organizadas em tensão e conflito permanente entre o ideal de democracia como governo entre iguais, com a sujeição ao trabalho e ao consumo entre desiguais.

Este conflito crônico entre sermos idealmente iguais (como cidadãos) e desiguais no que diz respeito à realidade da economia política, é um mal-estar da cultura e é apoiado pela eficácia do significante em produzir um sintoma no real. É aí que está o sujeito.

O ponto real na polis é o sujeito. Nomeado como tal antes mesmo de sua sexuação. Com este sujeito colocamos em jogo o desejo do analista, em tempos de escandalosa incitação às paixões tristes que promovem o ódio, o ressentimento, o particularismo vingativo, o fatalismo niilista, ou o isolamento voluntário, típico do individualismo de massa (todos fazendo o mesmo em suas plataformas de exibição e exposição, mas isolados). Técnicas de segregação - se não de auto-segregação - que lemos como operações de um semblante de Outro não barrado, tal como se impõe o gozo na era digital, promovendo um indivíduo tirânico que opera a partir da potência imaginária daquele *que tudo vê e tudo diz sem limite ou censura*. Ou pior ainda, sem o outro real que possa responder.

Talvez o mais perturbador da atual fusão entre ciência e mercado em favor da segregação (como anunciou Lacan na proposição de 9 de outubro de 1967) seja o apagamento tendencioso do outro diferente (seja por suas escolhas sexuais, políticas, esportivas, religiosas ou de classe e origem). Isso marca e determina uma parte

importante das modalidades de demanda de análise em que a *eviração* do desejo se apresenta como neuroses de angústia capturadas pela repetição do destino padecido como espetáculoalheio.

O medo do outro como afeto que comanda o sujeito é o corolário necessário do isolamento escópico-digital que nos atravessa do campo do Outro.

Os discursos que promovem a paixão pela ignorância operam de forma insidiosa amarando o temor ao outro. Um sintagma que resume tudo: a pós-verdade. O que o diferencia das mentiras utilizadas para fins ancestrais? E esta nova versão de mentiras e calúnias põe em causa a própria noção de verdade? Talvez a diferença entre fake news, trolls de falácias e fatos inventados, com a tradicional mentira cortando a res-publica não seja apenas a considerável massividade e simultaneidade da distribuição de mentiras na Internet (como lembra a tradicional história da fofoca e as penas da galinha ao vento), mas o uso político do impossível da verdade como uma adaptação da palavra à coisa, seja esta coisa singular ou pública. A pós-verdade assenta na ambiguidade inerente à verdade, quando esta se pretende estabelecer no terreno dos factos noticiados – de forma política, jornalística ou judicial.

O sujeito e a sua verdade são ameaçados como a afirmação do sintoma numa época em que o hábito público da pós-verdade o satura de incerteza e falta de sentido. Ou, em outras palavras, se do mundo vêm puras falsidades, que lugar aí pode ocupar um sujeito? É o drama do nativo da era digital, na medida em que sofre da ilusão científica da objetividade, e tudo se torna objetalidade (principalmente escópico). Isto implica necessariamente reconhecer que a reconstituição de Édipo na adolescência na era digital também traz consigo um reinício do estadio do espelho, especialmente no que diz respeito ao lugar do olho no *umwelt*, no ambiente, no mundo cindido entre o mundo da tela (do espelho 'inteligente') e a grosseria da outra realidade.

Mas a psicanálise é revolucionária na medida em que seu ato inclui o poético e sob o suporte ético do Real, fazendo emergir uma dimensão ética profunda, permitindo que o sofrimento seja aliviado ou desapareça. É uma ética orientada no nível subjetivo de uma responsabilidade envolvida no próprio sofrimento. Implicar-se radicalmente com

os próprios sintomas é o que caracteriza uma análise. O campo de gozo que daí deriva determinará a finalidade de cada cura: é um tratamento do gozo e da ética que supõe encarregar-se dele no singular e no social.

O poético é que o sujeito é essencialmente um ser falante. É por isso que ouvir faz parte da palavra. A ressonância da palavra é algo constitucional, propôs Lacan. A partir do momento em que alguém entra em análise, fica provado que aquele sujeito sempre ouviu. O sujeito com seu sintoma porta um gozo singularmente inscrito em sua fala, sintoma que pode fazer ou, ao contrário, obstaculizar o laço social.

Há uma ética do real numa análise, bem como na transmissão possível da psicanálise em que intervêm o Real, o Simbólico e o Imaginário. Não é matemática, nem medicina, já que o saber fazer aí, *savoir y faire*, diz respeito mais a um artesão do que a um cientista.

Transmitir em psicanálise é determinado por uma divisão que produz um resto irredutível que coloca *lalangue* em causa, através da metáfora e na passagem do sentido a um não sentido. É a poiesis articulada à interpretação. É a leitura da poesia que mina a noção clássica de verso, destrói a sintaxe, fragmenta a frase e pode ordenar visualmente a *lalangue* de outra forma (*autrement*) no espaço do que está escrito em qualquer uma das formações do inconsciente.

A implementação da regra fundamental é um estampido da continuidade do discurso que produz uma natureza interrompida que se revela sem funções normativas, as palavras encontram-se gravitando solitárias e terríveis com o enorme peso da sua densidade semântica. É uma desarticulação da linguagem, em que os significados são distorcidos, multiplicados e complexificados até atingirem um certo hermetismo. Perdem-se os elos lógicos entre as palavras, que condensam uma diversidade de significados latentes e às vezes ficam dispostas em sonho, esparsas ideograficamente em diferentes direções, onde as letras maiúsculas aparecem no meio da frase ou palavra. Ao mesmo tempo, a ortografia torna-se idiossincrática, neologismos e registros coloquiais aparecem em contextos inesperados para imprimir a singularidade idiomática na poética de cada inconsciente.

Operar no espaço que o sentido habita, para romper suas amarras e para que o sujeito, no encontro com o real, produza o novo.

O aspecto político do ato analítico é que, em cada análise, trata-se do contingente. Podemos distinguir aquelas proposições que são sempre verdadeiras, chamadas de necessárias, daquelas que às vezes podem ser verdadeiras e às vezes não verdadeiras, que chamamos de contingentes. Para a psicanálise, a contingência é pensada de forma positiva, pois é a ausência de necessidade, enquanto, para os filósofos, a contingência é vista de forma negativa. Contingência significa não se deixar levar completamente pela ordem da necessidade.

Fatores contingentes na transferência produzem um desvio da necessidade. O analizando tem uma iniciativa criativa na direção de seu desejo e o analista assume o risco de permitir a entrada da repetição. A responsabilidade ética pela transferência é o ponto crucial. A vida pulsional pode, desta forma, ser reorganizada, a partir da mobilização, da escolha e da criação de fatores contingentes. Na análise, essa dimensão do contingente, por sua vez, permite um efeito *après-coup* no mito individual do sujeito, recortando cada vez mais o espaço do que é aparentemente necessário, e permitindo que o sujeito se envolva a partir de outra posição na história que cria ao contá-la e reescrever ao interrogá-la.

A prática da psicanálise é uma possibilidade de reflexão sobre a contingência e a responsabilidade. É ético tomar a relação transferencial como cenário de observação do contingente, da especificidade das relações do sujeito com seu gozo, como resultado daquele primeiro encontro do corpo com o significante fálico que resultou em um corpo sexuado no encontro com outro ser sexuado.

A análise leva ao esgotamento de certos gozos, possibilitando que no analisante surja e actue a função do desejo do analista. O ético é que existe uma responsabilidade inconsciente compartilhada entre esses dois lugares da transferência, uma transposição das dificuldades da vida amorosa no espaço de cada cura.

Comissão de laço da Escola Freudiana de Montevidéu:

Enrique Rattin

Javier Montiel

Otávio Carrasco

Traducción: Lorraine Baker. Miembro del EfM.